

Quando o Brasil CRESCE...

Economia - Brasil

VALORIZAÇÃO DA MOEDA NACIONAL FORÇA INDÚSTRIA A GANHAR PRODUTIVIDADE

REAL E EMPRESAS FORTALECIDOS

RICARDO ALLAN
E VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Nos últimos três anos, quando o dólar desabou de quase R\$ 3 para R\$ 1,75, foi grande a chadeira do empresariado. Sob a liderança da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o grito era de que o Brasil estaria contaminado pela "doença holandesa", vivendo um grande processo de desindustrialização e uma explosão das importações. Há pouco mais de uma semana, porém, o próprio presidente da CNI, Armando Monteiro Neto, teve de se redimir. "A indústria brasileira está muito forte. Diferentemente do que se imaginava, as importações não provocaram um deslocamento da produção para o exterior. Não há nenhum sinal de desindustrialização, apesar da sobrevalorização da nossa moeda", disse, ao rever, para cima, as projeções de crescimento para a economia (5,3%) e para a indústria (5,8%) em 2007.

A mudança de discurso não surpreende o presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles, alvo preferencial dos empresários por ser o condutor da política de juros. Para ele, ao absorver a valorização do real, o Brasil mostrou que passa por uma revolução na produtividade. Com uma moeda mais forte, pela primeira vez em décadas o país está participando do processo de globalização na compra de máquinas, equipamentos e insumos, o que lhe permite escolher produtos mais baratos, sem abrir mão da qualidade. Para Meirelles, a indústria brasileira soube enxergar o potencial da estabilidade econômica para obter ganhos de escala, conciliando redução de custos e mão-de-obra mais qualificada e barata.

"Mesmo em setores em que o impacto do dólar barato foi mais pesado – como o têxtil, de calçados e de vestuário, vitimados pela pernosa concorrência chinesa –, mudanças importantes aconteceram. Houve ajustes, e os resultados positivos voltaram a aparecer", afirma o economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luís Otávio de Souza Leal. E que ninguém espere mudanças substanciais no câmbio ao longo de 2008, para cobrir ineficiências que antes eram mitigadas pelo real desvalorizado. "Os preços do dólar, mesmo diante de uma eventual recessão nos Estados Unidos, não vão disparar. A nossa previsão é de que variem entre R\$ 1,70 e R\$ 1,80 em 2008", destaca o economista Nuno Câmara, do Dresdner Bank em Nova York.

Na avaliação de Câmara, se, por um lado, o dólar baixo reduziu a competitividade de alguns setores exportadores, por outro trouxe ganhos excepcionais para as empresas. Primeiro, ao ajudar a reduzir a inflação e, por tabela, permitir que a taxa básica de juros (Selic) chegassem ao menor nível da história – 11,25% ao ano. "Os juros menores viabilizaram os financiamentos para o aumento da produção", ressalta. Segundo, o BC apro-

veitou o excesso de dólares do mercado para ampliar as reservas cambiais do país. Com um "seguro" próximo de US\$ 180 bilhões, o risco Brasil desabou para seu piso histórico (160 pontos), barateando os empréstimos no exterior.

No entanto, para o economista Júlio Sérgio Gomes de Almeida, consultor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), há muitos reflexos negativos do dólar enfraquecido. "O prejuízo existe e é forte. A valorização do real foi expressiva e ocorreu de forma muito abrupta, não dando tempo para que as indústrias pudesse absorver o impacto a partir de ganhos de produtividade", diz. Ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Almeida afirma que houve uma perda generalizada de competitividade dos produtos fabricados no país.

Pelos seus cálculos, a valorização do real foi de até 18% em um ano, movimento mais brusco que o da China, que valorizou o iuan em 10% num período de dois anos e meio. Na opinião de Almeida, o crescimento do mercado interno, superior a 6%, funciona como uma "cortina de fumaça", que não deixa o governo perceber direito as perdas com o câmbio. "Sem a ajuda do mercado interno, teríamos um drama generalizado com repercussões de grandes proporções para a economia do país", diz.

Renovação

De acordo com o secretário de Comércio Exterior, Welber Barral, o real forte tem levado ao crescimento das importações em todas as categorias de produtos, em especial dos itens de consumo direto das famílias (33,5% no acumulado até novembro), de bens de capital (31,8%) e matérias-primas e bens intermediários (30,1%).

"Em grande medida, as importações não estão sendo feitas em detrimento da produção nacional. Elas mostram um viés de renovação do parque industrial brasileiro, seja na compra de máquinas e equipamentos para a realização dos investimentos, seja na de insumos para a produção. Esses itens correspondem a 70% de tudo o que o país importa", diz. As importações acumulam US\$ 110,019 bilhões até novembro, uma alta de 30,2%. As exportações somam US\$ 146,419 bilhões, expansão de 16,1%. O saldo comercial chegou a US\$ 36,4 bilhões no período. Barral acredita que o superávit encostará em US\$ 40 bilhões em 2007, ficando US\$ 6,5 bilhões abaixo do resultado de 2006.

O economista Márcio Holland, coordenador da pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de São Paulo, acredita que o real vai continuar forte frente ao dólar. "Vamos permanecer com um câmbio apreciado, um câmbio típico de economia mais madura. Mas, de certa maneira, isso é bom. Está ajudando na modernização do parque industrial e vem forçando um aumento de produtividade da nossa indústria, que anava meio acomodada", diz.

BALANÇO DE PAGAMENTOS

Apesar da gritaria dos empresários, real forte não afetou a balança comercial nem provocou a tão alardeada desindustrialização do país

Exportações Em US\$ bilhões

Entre 2002 e 2006, as vendas de produtos e serviços brasileiros aumentaram 132%. No mesmo período, as exportações mundiais avançaram 41%



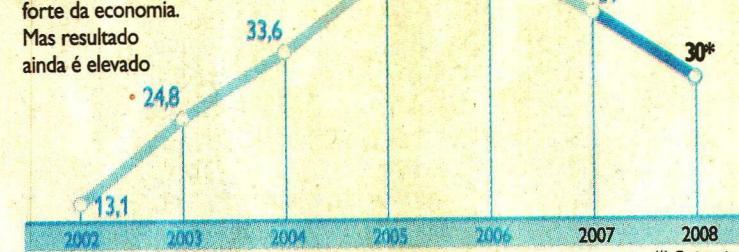
Importações Em US\$ bilhões

Compras no exterior aumentam, sobretudo de máquinas e equipamentos. Sinal de mais investimentos para o incremento do parque produtivo



SALDO COMERCIAL Em US\$ bilhões

Diferença entre exportações e importações está diminuindo, resultado do crescimento mais forte da economia. Mas resultado ainda é elevado



MOVIMENTO DE MERCADORIAS Em US\$ bilhões

Exportações (**)

Produtos	2006	2007	Variação por média diária (Em %)
Básicos	37.092	46.719	25,4
Semimanufaturados	17.630	20.007	13,0
Manufaturados	68.051	76.722	12,3
Operações Especiais	2.769	2.971	6,8

(**) Acumulado de janeiro a novembro

Importações (**)

Produtos	2006	2007	Variação por média diária (Em %)
Bens de capital	17.284	22.876	31,8
Matérias-primas e intermediários	41.663	54.434	30,1
Bens de consumo	10.882	14.596	33,5
Petróleo, combustíveis e lubrificantes	14.308	18.113	26

DÓLAR DERRETE

Moeda americana se desvalorizou frente às principais moedas do mundo. Entre os BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), a divisa que mais ganhou valor ante o dólar nos últimos 12 meses foi o real

Moedas	País	Cotação do dólar em 14/12/06	Cotação do dólar em 14/12/07	Varição (Em %)
Nova Lira	Turquia	1,42	1,18	-16,9
Real	Brasil	2,15	1,80	-16,3
Rúpia	Índia	44,66	39,34	-11,9
Coroa Norueguesa	Noruega	6,20	5,51	-11,1
Dólar australiano	Austrália	1,28	1,16	-9,4
Euro	União Europeia	0,76	0,69	-9,2
Rublo	Rússia	26,33	24,67	-6,3
Iuan Renminbi	China	7,82	7,38	-5,6
Peso chileno	Chile	525,90	498,50	-5,2
Libra esterlina	Reino Unido	0,51	0,49	-3,9
Iene	Japão	117,78	113,39	-3,7
Rande	Africa do Sul	6,95	6,85	-1,4
Bolívar	Venezuela	2.144,60	2.145,80	+0,05
Peso	México	10,76	10,82	+0,6
Won	Coreia do Sul	919,10	929,80	+1,2
Peso argentino	Argentina	3,06	3,14	+2,6

Fonte: Banco Central do Brasil e Secretaria de Comércio Exterior

Anderson Araújo/Lucas Pádua/CB